3 1761 07044449 2

Mendes Gaveta, Amaro
As folhas cahidas apanhadas a dente e publicadas em nome da moralidade

PQ
9261
G34F6

Fernando Lacerda

AS FOLHAS CAHIDAS

F.

APANHADAS A DENTE

E PUBLICADAS EM NOME DA MORALIDADE

POR

AMARO MENDES GAVETA

ANTIGO COLLABORADOR DO PALITO METRICO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE J. J. A. SILVA
Rua dos Calafates N. 80
1854

PQ
9261
G34F6

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/asfolhascahidasa00gave

CAVACO ÁS DAMAS

Salvé, amaveis portuguezas damas!
Um mocho do Parnaso vos supplíca,
Lhe releveis amargos epigrammas
Vibrados só á Venus impudíca:
Elle quizera, em tenebrosos dramas,
Pintar o horror de certa pelotíca;
Maldizente não é: castiga o vicio,
E assim faz á virtude um beneficio.

Oh! vós, Hellena amante do troyano,
Aspasia, Messalina, Lais, antigas
Calhandreiras d'Amor, que com profano
Coração da virtude heis sido imigas;
Se lá no reino escuro do Summano
Vos roêrem torpissimas lombrigas,
Dizei-lhe que entre as femeas portuguezas
Houve rosas, vilissimas bellezas.

Mas dizei-lhe que as rosas são a escoria,
Que a sociedade com horror vomita;
E que a par de uma Hellena tem a historia
Mil corações, em que a virtude habita:
Se ha rosa, com alface, e com chicoria,
Que as Lais, e que as Aspasias ressuscita,
Ha mil flores, que á rosa fazem guerra,
E que portanto os anjos são da terra.

A vós, damas gentis, e virtuosas,
A quem meu grato coração respeita,
Nunca vos hei-de confundir com *rosas*,
Que ao reino escuro envio desta feita;
Vós, simpathicas damas vergonhosas,
E que não sois d'aquella indigna seita,
Sempre havereis, nas cordas do alaúde,
Louvor, que é dado á candida virtude.

Vós sois, emanações da divindade,
Do Ceo estrellas, e da terra flores;
Vestaes do fogo santo da amizade,
Só vós fruir sabeis castos amores;
Mimosos dons da divinal bondade,
E das obras de um Deus lindos primores,
Só por vosso intermedio, ao homem-réo,
Na terra é dado ante-gosar o Céo.

Se repartis os dons da Providencia,
Vós sois, damas gentis, da terra as santas ;
Se amamentaes aos peitos a innocencia,
Ninguem resiste a graças taes e tantas ;
Se pagaes ousadias... com clemencia,
De almo prazer se morre ás vossas plantas ;
E, quando soccorreis uma alma afflita,
Referve o amor, e o coração palpita.

DEDICATORIA

A

SANCHO PANSA

Sanchinho Pansa, rechunchudo moço,
Maravilha fatal da nossa idade,
Que es tu, mimoso fructo sem caroço,
És um conde, um marquez, um duque, ou frade?
Seja o que fôr; em tom horrendo e grosso,
Recebe esta expansão de alta amisade:
Vae de tocha na mão pôr-te no centro,
Que eu te-abraço, e te metto as costas dentro.

Eu vou cantar os raros predicados,
Da mais ingrata, mas fragrante rosa,
As armas e os barões assignalados,
E alguns caprixos de mulher formosa;
Ella me infiltre cantos inspirados,
Tu me dá mote para a minha glosa;
E em quanto eu garganteio esta cantiga,
Vae tocando zabumba na barriga.

Oh ! tu, da opposição velho janota,
Que do avêsso a casaca tens vestida ;
Oh ! tu, que trazes sempre a ingente bota
Armada de um tacão insecticida ;
Trepa ; trepando encontrarás bolota ;
A cara muda, mudarás a vida ;
Aos padres chama — récua de ratões,
E acabarás em chefe de espiões.

Se em politica tens a mão tão certa,
Que nunca fazes um só tiro errado,
Depressa, amigo, vae buscar a offerta,
Que Bocage deixou de um baptisado ;
E se a fatal democracia esperta
T'o não prohibe, corre apressurado ;
E acharás, de Pandóra na boceta,
Quatro pintos e tanto de gorgeta.

Tu co'a penna na mão o mundo espantas;
Mas com ella na orelha es um portento ;
Aos teus donatos escrevendo encantas,
Porém fallando lavras muito tento.
Qualquer governo, a quem lambas as plantas,
Ganha cento por um, ou um por cento :
Tu cortas calos, cóças as frieiras,
Mordes nos frades . . . Morderás nas freiras ?

Com o saber de um democrata esperto,
Da terra o facto fisico mudaste;
E a sarça de Moysés, pelo deserto,
Com azas cirandando nos pintaste;
Es immenso de longe, infimo ao perto;
Embrulhas as questões, em que és contraste;
E conheces da Biblia (e só de vista)
A traducção d'um padre jansenista.

Subindo umas escadas, com misterio,
Não para ti, mas para amigos, pedes;
Guerra fizeste a alguns do ministerio,
De quem és hoje o novo Ganimedes;
Se foras padre, foras Adulterio!
Quando prégas, em vez de fallar, fedes:
E a boca escancarando, e alçando a mão,
Es o digno rival do Rabecão.

Martyr da patria a fama te pregoa,
A fama vil, com azas de gazetta;
Mas esse teu martyrio, que me injoa,
Demanda mór theatro, e mór trombeta:
Se conseguiste *edificar* Lisboa,
Novo Ulisses vestido de jaqueta,
Por teu civismo, e heroica devoção,
Mereces bem cachaça, e cachação.

Se aqui voltar um Pedro justiceiro,
E vindicar o pundonor de um sceptro,
Para a masmorra escolherá primeiro
A ti, que es pae de escandaloso espectro;
E alli, o dithyrambo derradeiro
Cantando ao som de excommungado plectro,
No peito, de vilezas nunca farto,
Terás a dor, muito depois do parto.

Se esta justa sentença te destoa,
Não lamentes, menino, o teu estado;
Nescia tem sido muita gente boa,
Como tu na questão do padroado;
E pois que ha tantos annos, em Lisboa,
Riscas sandices n'um papel safado,
Tamanha gloria, por que o mundo apprenda,
Vae, novo Achilles, esconder na *tenda*.

E em quanto, Sancho, eu canto a rosa meiga,
Que outr'ora me chamava o seu menino,
Tu n'uma tenda pesarás manteiga,
Vellas de cebo, arroz, e cravo fino;
Tu feito capataz da gente leiga,
Eu perseguido por cruel destino...
(E digo-te isto, por que te consoles)
Ambos iremos dar em Rilhafolles.

ANTE-PROLOGO

CUPÍDO Á ROSA

Eu, rosinha, não sou nenhum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
Não sou commendador, nem conselheiro,
Nem janota, nem par, nem deputado.
Cupído sou; alcunham-me-o frécheiro,
E ás veses no Parnaso tenho entrado;
Para ser literato (de chupeta)
Só me falta ser asno, e ter luneta.

Com habilitações taes e tão pobres,
E com quanto eu não deva dar conselho,
Que vá ferir os teus ouvidos nobres,
Se o não levas a mal, metto o bedelho:
E embora esta ousadia tu me exprobres,
Um aviso hasde ouvir do deus fedelho:
Rosa d'amor, desterra amor profano,
E não alborques Marte por Vulcano.

PROLOGO.

Do Tejo de chrystal, um genio alado
Eu sou, e d'entre os cisnes o primeiro;
Grato a Amor, e das damas festejado,
Amante fui, e amante chocalheiro;
Tenho sido poeta, e deputado,
E outras cousas, que deixo no tinteiro;
Sou fidalgo das ilhas Baratarias,
E maganão d'eternas luminarias.

Do Parnaso grey vil, mofina sorte,
Se fama tendes, vol-a mata asinha;
Porem o Retá, assassinando a morte,
Não póde assassinar a fama-minha;
Salta aqui, salta alli, de sul a norte,
Ella corre na salla, e na cosinha;
E montada n'um Pégaso de cana.
Já correu muito além da Taprobana.

Meu nome é proferido com respeito,
Nas solidões dos reinos lá da Aurora;
E mais inda o será, quando eu com geito
Houver cantado as dadivas de Flora;
Pois deixando do amor antigo pleito,
E empunhando a tiorba altisonóra,
Vou a rosa cantar por meus pecados,
E as Armas, e os Barões assignalados.

Vou pois cantar da rosa o grato aroma,
E aquelles agudissimos espinhos,
Com que a rosa d'Abril, — *tierna paloma*
Recompensou os meus pseudo-carinhos;
De desleal lhe vou lavrar diploma,
E diser-lhe em insipidos versinhos:
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Eu não torno a cahir n'outra esparrella.

OS TRES DA VIDA AIRADA.

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella!
Purpurea e bella, aqui, já vês, são cunhas)
Eu pudéra diser: rosa amarella,
Onde está o carmim, que d'antes punhas?
Porém se te descubro tal mazella,
E's capaz de deitar-me á cara as unhas;
E, engrifando-te em mim, sem dôr nem dó,
Arrancar-me os cabellos, e o chinó.

Rosa amarella pois não vou chamar-te;
Respeite-se o amor proprio, oh! minha amada;
Porém, se me ajudar o engenho e arte,
Immortal te farei, flor desbotada.
Flor presa ao carro triumphal de Marte,
Serás por todos, e por mim chamada:
Rosa inconstante... borbuleta qu'rida
(Borbuleta de *gaz*... luz sem torcida.) —

Ouve, rosa d'Amor, cujo alto imperio
O sol, logo em nascendo, vê primeiro
— Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E quando entra no signo do carneiro — :
Se versos claros faço, e sem mysterio...
É que o meu coração anda brégeiro...
Mas quanto mais no amor porfia, e teima,
Papillon! busca a luz... e á luz se queima.

Não deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos campos da poeira,
Se fiseram por Armas tão temidos,
Que assustaram das rãas a especie inteira :
Na sentina do Amor, todos mettidos,
Eu, Mavorte, e mais tu, flor candongueira.
Hemos de ser os tres da vida airada :
— Eu Cócó, tu Ranheta, elle Facada.

VOZ E AROMA.

Qual é a cousa, no ... . prado,
Que vulto não faz, nem .... tem,
Que um povo põe ..... agitado
Com seus pés, que vão e ... vem ?

Não é nascida entre as ..... flores,
Ninguem a verá ..... murchar;
Mas tambem não tem ..... verdores,
E ao sol se pode ..... secar.

Cantou, mas sem ..... harmonia;
Fez cahir no langará;
É antiga, leve, e ..... fria;
E até não existe ..... já.

Toda aquella trapalhada,
Se não é nabo, ou nabiça,
A não ser *rosa incarnada*,
São as botas de cortiça.

ROSA PALLIDA.

Não descances no meu ..... seio :
Foge de mim, tem ..... receio,
Florita de rubra ..... côr :
Evita-me, gentil ..... rosa,
Foge-me em quanto és ..... formosa ;
Não te empane o meu ..... amor.

Tenho cabeça de ..... vento,
E emprego o meu ..... pensamento,
Em vencer toda a ..... isempção ;
Quando tenho a alma incendida,
Dou leves sinaes de .... vida ;
Mas é morto o ..... coração.

Rosa, camponeza ..... bella !
Oh! quem me dera ao pé della
Da minha rosa ..... gentil !
Tinha uma boca de ..... beijos,
Vendia ovos e ..... queijos ;
Ganhava cento por..... mil.

Vinha á praça vender ..... flores,
Trazendo settas de ..... amores,
Nos pudicos olhos ..... ceus.
Era a deusa da ..... belleza,
No templo da ..... natureza!
E eu era o frécheiro ..... deus.

Oh! eu dera a minha ..... vida,
(Apesar de ser comprida)
Por ser um dia ..... feliz!
Pois *malgré* velho..... semblante,
Que ser inda posso ..... amante
Cá dentro uma voz me ..... diz.

Se não fôras tão ..... vermelha,
Talvez eu não fôra ..... abelha,
E não viera ..... zumbir.
Que tu és bella entre as ..... flores,
E que foste os meus ..... amores,
Não cesso de ..... repetir.

Ai! ai! que tristeza ..... agora;
A minha rosinha ..... chora,
Nem quer para mim ..... olhar!
Pobre planta ..... delicada!
Com medo de ser ..... beijada,
Lá começa a ..... desbotar!

Se não queres, flor ..... corada,
Ser de um velho ..... namorada
Oh! não morras, tenra ..... flor;
Vive, vive, e a minha ..... estrella,
Me leve aos pés d'outra ..... bella,
Com este sédiço ..... amor.

Foge pois; se do meu ..... seio,
Mimosa flor, tens ..... receio
N'outro te vae ..... reclinar:
Não percas tempo, que és ..... linda!
Podes ser ditosa ..... ainda;
E eu faço-te ..... desbotar.

ROSA COM ESPINHOS.

Chamaram-me os teus ..... carinhos,
Cheguei-me, topei ..... rigor;
Toquei-te, encontrei ..... espinhos:
Ai, que não te entendo ..... flor.

Ajoelhei, ó flor ..... vaidosa;
Quiz-te a corolla ..... beijar;
Picaste-me, ingrata ..... rosa,
Fazendo-me des ..... corar.

Se eu sou incommoda ..... abelha,
Se o meu cantar é ..... zumbir,
Tem dó, florinha ..... vermelha,
Vem ao *martyrio* ..... acudir:

A mim, poeta ..... divino,
Deixa uma gotta ..... libar
Desse nectar ..... peregrino,
Que sabes, flor, ... fabricar ...

Quando, ó meiga flor, ... rendida
Terás de mim ..... compaixão ?
Sempre á minha alma ..... atrevida,
Rosinha, diràs ..... que não ?

Se essas mimosas ..... carinhas
A poucos mostram ..... rigor,
Porque me dás só ..... espinhas ?
Oh ! eu não sou gato..... flor.

COQUETTE DOS PRADOS.

Coquette dos prados,
A rosa é uma flor,
Que inspira, e não sente,
O incanto d'amor.

Folh. Cah. pag. 68.

Hoje tudo é mudado; um cerdo immundo
Quer d'alvos cisnes caudilhar o bando;
E os corações, deixando o amor jocundo,
Procuram só o amor de contrabando;
Se hoje o torto Camões tornasse ao mundo,
A cythara de Homéro cobiçando,
Em logar dos barões, com voz amára
As armas, e os viscondes celebrára.

Velhos fogos d'amor, que teus espinhos
Lavrar faziam n'este peito amante,
Em teu peito igualmente eram daninhos,
No tempo em que por mim foste bacchante.
Hoje tudo é mudado; aos meus carinhos
Oppões um coração recalcitrante;
Nem já meus versos amas, flôr *coquette*,
Ni mon chant, ni le chant de la fauvette.

Tu, que outr'ora fizeste maridança,
Com um *cerdo voraz*, segundo é fama,
Por que seguiste a universal mudança?
Imaginas que o *cerdo*, gentil dama,
Já não pode ser *par* na contradança?
Enganas-te; em meu peito é morta a flamma;
Mas debaixo das cinzas, com trabalho,
Inda conservo um tal ou qual borralho.

Que no meu coração ha só molleza,
Não imagines, *casto* amor-perfeito;
Inda posso dar cultos á belleza;
E o que não vae por força, ha-de ir por geito;
Quando a arte auxilia a natureza,
Amor é um Zé Osti, que no peito,
Com as cinzas de mal extincto vicio,
Sabe compor um fogo d'artificio.

Accede pois de novo aos meus desejos,
E attende á maviosa voz de um nume;
Cóspe em meus labios fervorosos bejos,
Se não tens coração de pedra hume:
Com ostras, brebigões, e caranguejos,
Vem de novo accender o sacro lume;
E de novo, a teus pés, verás rendido
Velho amante, parodia de Cupido.

ESTE INFERNO DE AMAR.

Carcavellos amar como eu *amo!*
Quem me trouxe a botelha *quem foi?*
Esta tinta, que alenta, e *consome,*
Que dá somno, e que a vida *destroi*
Quem me veio com ella *atear*
Esta sede, *que ella hade* *apagar?*

E comendo um figuinho *passado*
Tres canadas e tanto *Vevi;*
Cahi logo a dormir; tive *um sonho!*
E dois dias a fio *dormi!*
Ao terceiro ainda estava a *sonhar*
Quando a rosa me veio *acordar.*

Abro os olhos; que dia *formoso!*
Mas que mal que me fez *tanta luz!*
As paredes á roda *gyravam;*
E a beber mais zurrapa me *puz;*
Se foi toda ou metade *não sei;*
Pois de novo a dormir *comecei.*

MARGOT.

> Para todos tens carinhos,
> A ninguem mostras rigor!
> Que rosa és tu sem espinhos?
> Ai, que não te intendo, flôr.
>
> Folh. Cab. pag. 51.

Se Erasmo teceu c'roas á loucura,
Que não tecera a ti, herdeira della,
Ferruginoso coffre de ternura,
Rosa d'amor, conjugicida e bella!
Erasmo em ti achára uma alma *pura*!
Mas *ai, que não te intendo, flôr* singela:
Por que mudas a côr, rosa... que é isto?!
Tambem tu fazes frente ao montecristo!?

Se eu já fui dos amantes tambor mór,
E fiz c'o meu bastão lindos meneios,
Porque ora me desprésas, *cher trésor*,
E affectas não ouvir meus galanteios?
Se danças *la polka des piéces d'or*,
E não ouves por isso os meus gorgeios,
Se desprésas um vate de bom tom,
Então dize, *Margot, qu'aimes-tu donc?*

OS SEIS SENTIDOS.

Cometa entre as ..... estrellas,
E áspide entre as ..... flores,
Não tenho olhos ..... para ellas ;
Em toda Anna Thereza
Não vejo outra ..... belleza,
Senão a ti, a ..... ti !

Se a tua voz se ..... affina
Na ramagem ..... umbrosa,
Qual rouxinol, que ..... trina,
Só ouço a ..... melodia
Do peito meu, que pia
Por ti, por ..... ti !

Quando doidinha ..... gyra
Minh'alma em campo ..... agreste,
Meu nariz não ..... aspira
Não cheira, — coitadinho !
Senão o vinagrinho,
Que vem de ti, de ..... ti !

Meus labios ..... saborosos,
Do summo do ..... racimo
Sempre estão ..... sequiosos;
E cevam seus ..... desejos
No copo dando ..... bejos,
E não em ti, em ..... ti!

Se a testa ..... luzidia
Nos teus espinhos ..... deito,
Amor, quem ..... poderia
Ideas as ..... caricias
Espinhos, e ..... delícias
Que góso em ti, em ..... ti?

O meu sexto sentido
Ou sexto mandamento,
É ter no pensamento
O meu gentil derriço;
D'este sentido a séde
Reside no toutiço.

Se acaso te approximas,
Ponho a cabeça em terra;
(Assim se faz na guerra)
E sinto os meus *cabellos*,
Movidos pelo amor,
Dar saltos, como os dados,
Em cima de um tambor.

A ti, ai, a ti só os seis sentidos,
Todos n'um confundidos,
Fazem declinação:
Beijos, no genitivo,
Eu quero só *de tí*;
E dou-te no dativo,
A tí, o coração;
Dativo de proveito
Demanda um vocativo:
Oh! tu!
Que deshumano tens o gesto e o peito;
Mas eu accusativo
Submisso, e paciente,
No peito, docemente,
Cá sinto um ti-pi-ti!
Com um ki-ki-ri-ki,
Nos cinco casos vivo,
E morro no ablativo
Em ti, por ti, *com ti*!

MOTIVO

Oh! vai... para sempre adeus!
Vai, que ha justiça nos Ceus,
Sinto gerar na peçonha
Do ulcerado coração
Essa vibora medonha
Que por seu fatal condão
Hade rasga-lo ao nascer:
Hade sim, serás vingada,
E o meu castigo hade ser
Ciume de ver-te amada
Remorso de te perder.

Folh. Cah. pag. 18.

Leitor, queres saber porque motivo
Á *rosa* declarei guerra de morte,
E de zelos ardendo em fogo vivo,
Fui amarra-la ao carro de Mavorte?
É que o seu coração, agora esquivo,
Tomando da inconstancia o passaporte,
Me foge; e deste naipe se descarta,
Com a seguinte furibunda carta:

« Vendo dos versos teus o claro ultrage, »
(Diz ella) « que inspirar só poude Baccho,
«Repimpada em cadeira *moyen-age*
« Aqui te envio a ti, que não tens caco,
« Este soneto, que vibrou Bocage,
« Ao guarda-mór da Casa do Tabaco :
« Com elle na memoria impresso fica ;
« É retrato fiel, a ti o applica.

SONETO.

« O guarda-mór *da calva para baxo*
« É mais desagradavel que um capucho
« Não tem bofe, nem figado, nem bucho,
« Mais chato me parece que um capacho :

« As costas são cavernas de um patacho,
« Os queixos são as guelras de um caxuxo,
« Tem figura de magico, ou de bruxo ;
« Na cabeça miolos lhe não acho :

« Affecta no exterior santo de nicho;
« Por dentro é mais sinistro do que um mocho
« E aloja mais peçonha do que um bicho.

« O que os outros tem cheio, elle tem chocho ;
« O que é nos mais vassoura n'elle é lixo ;
« E anda isto entre nós? Ah bom arrocho ! »

Eu, lendo tal, jurei que carrapatos
Me deixassem os olhos carcomídos;
Pedras trouxesse sempre nos sapatos;
E pulgas a saltar-me nos ouvidos;
Nas ventas me fizessem ninho os ratos;
Meus manjares em fel fossem cosidos; (*)
E na rua me dessem grande tosa,
Se eu tornasse a cantar a ingrata *rosa*.

(*) Palito Metrico — pag. 112.

ADEUS.

Perdoar-me tu?... Não mereço;
A immundo cerdo voraz
Essas perolas de preço
Não as deites; é capaz
De as despresar na torpeza
De sua bruta natureza.

Folh. Cab. pag. 20.

Rosa, este *cerdo*, e pássaro bisnáo,
Moribundo se jaz, e sem conforto!
Adeus!... Eu deixo Gnido ingrato e máo,
E vou surtir em mais seguro porto:
Vou acabar na gruta de Macáo!...
Se algum dia te cheira a porco morto,
Lastima o *cerdo* teu, e com ternura
Vae chamuscal-o, e tira-lhe a forçura.

Velho amor bandoleiro, aos corações,
Adeus! Adeus! de longe está dizendo;
Põe a dextra, fogão de ingratidões,
No *pragal de meu peito* ... peito horrendo!...
O que sentes, não são palpitações...
É o meu coração, que está batendo,
Ás portas do outro mundo — bumba! e bumba!
E diz: amada minha, eu desço á tumba!

Vestal, Vestal, apaga o fogareiro,
Que eu já não levo coke a essa pira!
Victima triste do fatal janeiro,
Gelado o peito meu... ai!... não suspira:
Aqueste é pois o canto derradeiro,
A vóz de cisne de esgotada lira...
Vê que a minh'alma, já inerte e fria,
Te consagrou as *borras* da poesia.

As filhas da Cathrina, em casa escura
Estas *borras*, chorando, memoraram:
E por memoria eterna em banha dura
A manteiga do *cerdo* transformaram;
Choros mil, no Loreto, em agua pura,
Do throno de Neptuno repuxaram...
Carpiram *rosas-brancas*, e catões;
E por um olho só, chorou Camões!

FIM?

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 25 05 .003 8